

Ilustração do manuscrito *Prato Haggadah* (Espanha, 1300).
Obra em domínio público. Composição visual remixada.

DOSSIÊ ESPECIAL

MUDAR DE NOME: HITLERISMOS, DISSEMINAÇÕES E A *SCHULDFRAGE* JUDAICA

CHANGING THE NAME: HITLERISMS, DISSEMINATIONS, AND THE JEWISH SCHULDFRAGE

CAMBIAR EL NOMBRE: HITLERISMOS, DISSEMINACIONES Y LA SCHULDFRAGE *JUDÍA*

Shajara Néehilan Bensusan Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil

Submetido em: 31/08/2025
Aceito em: 17/11/2025
Publicado em: 31/01/2026

Como citar: BENSUSAN, Shajara Néehilan. Mudar de nome: hitlerismos, disseminações e a Schuldfrage judaica. *(Des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. e61527, jan./jun. 2026.

DOI: 10.53981/destrocos.v7i1.61527

Licenciado sob a CC BY 4.0.

Resumo
Em torno à minha mudança de nome associada ao massacre de Gaza, escrevo sobre algumas formas de apego ao solo e ao sangue, que Levinas entendeu como uma caracterização de um pensamento hitlerista, e sobre as aŕvores que empregam sua seiva para disseminar raizes em emaranhados que se expandem para além de fronteiras. Assim escrevo sobre um judaísmo possível que seria a própria Schuldfrage, a própria pergunta acerca da responsabilidade pelo massacre, em um interminável arrependimento. Ao invés de uma perspectiva nacional ou internacional surge então uma perspectiva disseminacional.

Palavras-chave
Antissionismo; Schuldfrage; hitlerismos; disseminação; Gaza.

Abstract
Around my name change associated with the Gaza massacre, I write about certain forms of attachment to soil and to blood, which Levinas once understood as a characterization of Hitlerian thought, and about the trees that employ their sap to spread roots in entanglements that expand beyond any kind of border. Thus, I write about a possible Judaism that would itself be the Schuldfrage, the very question concerning the resposibility for the massacre, in an unending repentance. Instead of a national or international perspective, what emerges is a disseminational perspective.

Keywords
Anti-zionism; Schuldfrage; hitlerisms; dissemination; Gaza.

Resumen
En torno a mi cambio de nombre asociado a la masacre de Gaza, escribo sobre algunas formas de apego al suelo y a la sangre, que Levinas entendió como una caracterización de un pensamiento hitlerista, y sobre los árboles que emplean su savia para diseminar raíces en marañas que se expanden más allá de cualquier frontera. Así escribo sobre un judaísmo posible que sería la propia Schuldfrage, la propia pregunta acerca de la responsabilidad sobre la masacre, en un arrepentimiento interminable. En lugar de una perspectiva nacional o internacional, aparece entonces una perspectiva diseminacional.

Palabras clave
Antisionismo; Schuldfrage; hitlerismos; disseminación; Gaza.

Shajara Néehilan Bensusan faz filosofia e performance e o que há entre elas. Pesquisa e ensina no Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Entre seus últimos livros: *Indexicalism* (Edinburgh University Press, 2021), *Memory Assemblages* (Bloomsbury, 2024), *História Sul-Americana da Imortalidade* (Cultura e Barbárie, 2024).

Seja chuva, se você não é chuva,
meu amor, seja árvore,
densa e abundante, seja árvore.
Se você não for árvore, meu amor,
então seja pedra, meu amor,
intensa e úmida.
E se você não é pedra,
meu amor, então seja lua no sonho
de gente amada, seja lua.
Isto é o que disse uma mulher
ao seu filho no seu funeral.
Marhmoud Darwich

Arvolés yoran por luvyas i muntanyas por ayres. Meu nome é árvore, foi assim desde o início. Ilan = Hilan = Arvol. Há quase um ano, enquanto escutava Samah Jabr, a psiquiatra palestina que trabalha em Ramallah, surgiu o ímpeto, na forma de uma compulsão, de mudar de nome. Jabr falava do trauma palestino e de como ele beirava o intradutível. O incomensurável. E eu procurando comensurabilidades: não poderia mais seguir me chamando (H)ilan como me chamaram desde os primeiros dias, não na língua sefaradi das minhas avós e tias e tias-avós, mas por uma escolha associada aos novos judeus que desmontaram Jaffo, massacraram Tantura e ocupavam Al-Kuds. A aldeia de Al Shajarat se tornou Sde Ilan. Meu nome também é *Shajara*, mas é dito na língua (re-)inventada para encobrir a Palestina. A língua foi parte de um enterro; percebi que era preciso que meu nome revirasse a terra com uma força espectral, invertendo a ordem da sedimentação e expondo uma anábase da língua soterrada. Era preciso que fosse traduzido, transposto, translinguado, que ele mudasse de lado, que ele saísse de Sde Ilan e fosse para Al Shajarat e, assim, de Ashkelon para Gaza. Traduz-se muita coisa, mas os custos dessa passagem são custos que às vezes se cobrem com as vísceras.

Cresci ouvindo canções que vieram dos judeus sefaradi que sairam da península ibérica e fizeram uma diáspora encorporando vozes e nomes em suas músicas: *Arvolés yoran por luvyas i muntanyas por ayres [...] torno i digo ke va ser de mí, en tierras ajenas yo me voy morir*. Eram músicas de exilados, que conjuravam e exorcizavam uma nostalgia com muitas intensidades por uma terra que nunca sequer tinham visitado. As montanhas que choram por ares estão densas de quem espera algum ar novo, dos que sobem a montanha todos os dias em busca de alguma coisa pela qual valha a pena esperar; *Jabalya*, o campo de refugiados exposto ao céu aberto e cercado pelas fronteiras armadas que formam a faixa de Gaza, tinha mais 100.000 exilados, antes de começar a mais recente chuva de bombas. O céu das bombas é o céu em que ressoam os gritos. São esses que cantavam essas músicas e seus descendentes que jogam a chuva de bombas em Jabalya, em Gaza, em toda a terra repleta de gente exilada. São eles que estão do outro lado da fronteira, de todos os outros lados da fronteira, garantindo que a faixa de Gaza siga sendo um campo de concentração e uma presa fácil de bombardeios vindos do céu aberto (aberto para eles). Não sei completamente o que eles entendem dessas canções. Eu entendia incompletamente a língua em que elas falavam; pensava que

os seus silêncios eram os que poderiam me abrigar. Depois descobri que toda língua entendo incompletamente, e todo abrigo não me protege especialmente, já que na casa da minha origem não mora ninguém e os exilados são exilados mesmo se quem os exila vem de uma suposta raça que tenha sido exilada. As canções não me empurraram para um amor à raça, mas para um sentido da condição que o amor à raça (alheia) impinge aos palestinos como impôs aos judeus.

Há quase um ano, enquanto escutava Samah Jabr,[1] a psiquiatra que trabalha em Ramallah, comecei a traduzir meu nome; aparecem *Shajara* e *Shajarat Albahlut* – árvore e carvalho. Em português, minha língua natal, ainda que entremeada por palavras e silêncios da língua sefaradi, *a* árvore e *o* carvalho. Encontro o longo indecidível da tradução; também em hebraico (re-)inventado a árvore é feminina, não como em espanhol, o espanhol dos que puderam ficar na Península Ibérica, *el arbol* ou no daqueles que foram exilados *un arvol*. Uma árvore que começa no feminino a partir de uma língua em extinção em que era masculina: reitero o feminino, Shajara *Née*hilan. Essa transformação de gênero, incompleta mas convicta e irresoluta mas decidida, não me retira do trânsito; do trânsito que é também um exílio – exilada de um polo ou de outro, finco pé, deito raízes no exílio, com os exilados. O exílio que atravessa as raças e, assim, os gêneros, as gerações, as etnias, os entroncamentos, as espécies. Traduzir um nome é uma jornada longa sem garantia de chegada. E me deixa também entre os indecididos, entre os indecidíveis do exílio. Anne Fausto-Sterling, sexóloga estadunidense, trata de um continuum que diz respeito a um exílio da diferença sexual, aquele das pessoas intersexo – pseudo-hermafroditas femininas, pseudo-hermafroditas masculinas e hermafroditas verdadeiras – e que, em geral, recebem adequação clínica nos primeiros meses de vida. Uma adequação que é uma decisão no meio do indecidível, como uma árvore plantada no exílio, um golpe de dados cercado de acaso. Jehad Abudaia, pediatra e urologista canadense-palestino, sugeriu que a consanguinidade devido a casamentos entre familiares é responsável pela prevalência de nascimentos de pseudo-hermafroditas em regiões como Jabalya onde estes são endêmicos. Em Gaza, as condições de pseudo-hermafroditas frequentemente passam despercebidas por anos após o nascimento, pela carência de hospitais e atenção médica. Este exílio, um trânsito incompleto, é um suplemento e um subproduto de um massacre. Um massacre que é movido por um projeto de obliteração. "Seja árvore".

Penso na árvore que me nomeia, penso na vida subterrânea de suas raízes. As músicas sefaradi da minha infância foram mudando de significação, uma alteração nas minhas raízes que teve lugar no longo dia de outubro de 2023, que começou talvez em 1967, porém mais provavelmente em 1948 e certamente começou a amanhecer em 1917, quando o projeto sionista recebeu a chancela de um grande poder colonial. Não são decisões diplomáticas que determinam as catástrofes que a longa *Nakhba* gerou: foram milícias que expropriaram as casas, e terras e pomares palestinos; foi o exército formado por essas milícias que segue expropriando – e assassinando – em Gaza. As canções se tornaram canções de triunfo, uma vez que o judaísmo mundial se tornou majoritariamente parte do braço

[1] Samah Jabr falava depois da exibição de *Por trás dos fronts: resistências e resiliências na Palestina*, um filme que acompanha Jabr em seu ofício de psiquiatra e chefe de unidade de saúde mental de Ramallah na estrada que liga a cidade a Al Kuds. Ver também Jabr, *Sumud em tempos de genocídio*.

geopolítico da empreitada sionista. Desde meados do século passado, as duas palavras *Shoah* e *Israel* – não *Hurban* e "terra prometida" – se conjugam juntas, como se não houvesse um espaço entre elas onde cabe a longa *Nakhba* que tornou Al Shajarat em Sde Ilan. *Shoah* é o nome em hebraico da catástrofe simbolizada pelos lagers, como Auschwitz – um nome em uma língua parcamente falada pelas vítimas que em grande medida falavam iídiche e chamariam o extermínio de *Hurban*. A terra prometida, por sua vez, foi substituída pela terra invadida, conquistada e chancelada – em grande parte na ordem inversa, primeiro chancelada pelos poderes imperiais e depois conquistada em campanhas de duvidosa dignidade. Não é mais uma terra que é prometida porque numa terra assim não se derrama o sangue dos outros. *Am Yisrael Chai*, um refrão que eu ouvia na infância como a testemunha da sobrevivência de um povo depois de um genocídio planejado, se tornou um refrão de guerra, um refrão cúmplice e instigador de um genocídio planejado. *Am Yisrael Chai* – o povo de Israel vive – não mais fala da vida do sobrevivente, mas da exigência de um lugar ao sol. Porém já há na vida que sobrevive uma coleção de sementes, e já havia entre os judeus, a ideia de um 'povo escolhido'. Na minha infância, meus pais conseguiram fazer para mim uma distinção sutil entre um 'povo escolhido' e uma 'raça superior'. A sutileza desmoronou.

O Estado constituído de Israel transformou um exílio em opcional e outro em forçado, em produto de sua força, em produto inevitável de sua força. Se o exílio pode ter terminado com um poder instituído, ele se torna apenas uma falta de Estado, apenas uma falta de exército, apenas uma falta de forças impositivas. O exílio passado desbota; ele não é a ferida de uma saudade indefinida, é a vulnerabilidade, por fim superada, de uma anarquia definida, de não ter um estado e um exército falando em seu nome – ou antes falando como se fosse em seu nome, como se seu nome mesmo falasse. O exílio judeu se tornou apenas uma fraqueza, uma insuficiência, uma incompletude remediável – um estado corrigível de anarquia. O Estado que suprimiria o exílio apenas promove a cada dia o inferno de quem não pode mais ser o errante, o inferno de quem está em sua terra ou está longe dela, como um estrangeiro documentado. E o inferno de Gaza e o inferno de quem sente Gaza como sua mão direita. Já nem a história dos judeus massacrados pode se erguer diante do massacre feito por judeus em nome de si mesmos. Nem a *Hurban* está a salvo da *Nakhba*; nenhum pogrom está a salvo da perseguição de palestinos em nome de nada mais do que um lugar ao sol. Como contar então a história de um massacre que ensinou às suas vítimas a serem algozes? É a história mesma que parece ser impossível depois de Gaza; não há mais história a ser contada. A não ser a história da carne ferida. Como se pode contar Gaza à altura de Gaza? Todos os nomes parecem palavras de um mundo que não foi fiel ao suplício dos seus desesperados. Todos os nomes, e sobretudo o meu.

Não pode ser Hilan que testemunha um massacre que, outra vez, aniquila as testemunhas. Eu testemunho a ferocidade que surgiu dos descendentes das testemunhas. E aniquilam-se muitas testemunhas. Como Fatma Hassouna, fotógrafa de bairros vazios, de escombros, de valas comuns, de assassinatos diários por meses e meses. A testemunha é aquela que já não pode fazer outra coisa senão se tornar um arquivo. Ela testemunha porque há outros, outros nomes por vir. *Arvolés yoran por luvyas* passou a falar de um exílio terminado, de um exílio transformado em (re-)conquista. A mesma (re-)conquista que começou o longo

exílio dos sefaradi da Península Ibérica e que foi consumado com a tomada de Granada em 1492. Na (re-)conquista da terra moura em curso, a história se repete em pedaços de espelho, em espectros: cada massacre remonta à data de 1492. Israel, tornado em poder constituído, reverbera desde o outro lado as calamidades que os judeus exilados experimentaram. Não há mais história que possa ser contada de lado algum; a história da carne ferida é polimorfa, é vertiginosa e é espectral. Não é apenas que qualquer testemunha que sobreviva terá que sobreviver à margem de estar à altura do que testemunha, mas apenas quem recebe as bombas de Gaza pode testemunhar por Auschwitz.

Sobraram as histórias, proliferadas, disseminadas e que encontram ouvidos imperfeitos. As histórias formam uma botânica, uma germinação das sementes, árvores. *Arvolés yoran por luvias*. "Seja árvore".

Emanuele Coccia insiste que são as plantas que criam o espaço em que tudo o que vive respira.[2] E em uma árvore, ele relata, as raízes, que surgiram depois que muitas plantas já ocupavam o chão do planeta, não são fundamentos como o começo de tudo; elas são fincadas, crescem, vão subterraneamente para áreas mais e mais propícias, onde encontram outras solidariedades, outros pedaços de ambiente que as fazem enraizar. Seja uma árvore – mesmo apostando em onde está, a árvore se reposiciona desde suas folhas até seus braços subterrâneos. As raízes se entrelaçam antes de receberem a confiança de qualquer tronco. Uma árvore no exílio: minhas raízes no ghetto, em Jabalya, em Deir Al Balah, porque fincadas em Granada, na Cracóvia, na ilha de Hispaniola aniquilada.

O tempo sendo irreversível, as marcas na terra serão testemunhas dos atos genocidas que constituíram o projeto de uma nação; na terra, nas paisagens, e nos silêncios e nos nomes. E nas árvores, até nas caídas, em que se pode ver a mais alta das copas como uma pedra no chão. Eu, Shajara, não consigo escutar senão a voz palestina; minha raiz judaica emaranhada nos bombardeados, nos expulsos, nos que tiveram sua cabeça deformada, nos que tiveram suas casas roubadas, nas crianças sem pés, sem mãos, carne ferida bombardeada em uma cena de subjugação. Birkenau. Pelourinho. O abandono e, mais que isso, o lugar onde se exerce o poder de todo poder constituído. É este o exílio que eu escuto; todos os dias, chorando por chuva. Em Israel, a maioria dos cidadãos judeus – apenas eles são cidadãos – não escuta nada disso, escuta sua própria força, sua força de persistir por persistir, sua força de passar por cima de seus vizinhos mais próximos. Seu poder que garante que *am yisrael chai*. Escutam sua presença, pesada e maciça – e seu judaísmo é o sionismo da conquista brutal e manutenção feroz de um povo orientado por seu sangue e por seu solo. Poderíamos dizer mesmo que se trata de um judaísmo hitlerista, usando o termo 'hitlerista' do modo como Emmanuel Levinas o cunhou em seu texto "Quelques réflexions sur la philosophie de l'hitlerisme", de 1934.[3] Levinas entende que o hitlerismo é a prioridade incontestável do sangue e do solo sobre o remorso, a hesitação, a turbulência de direção e a reversibilidade. Uma vez que o solo e o sangue têm uma prioridade sobre qualquer outro gesto, o judaísmo passa a girar em torno da terra de Sion e do sangue dos que a têm como herança. O povo passa a valer mais do que o fervor e o solo, manchado de sangue, passa a atuar como referente último de todo pensamento judaico. Levinas, ele

[2] Coccia, *A vida das plantas*.
[3] Levinas, *Quelques réflexions sur la philosophie de l'hitlerisme*.

mesmo, escreveu que uma terra santa deixa de sê-lo quando requer sangue – e se torna o objeto de uma luta por um lugar ao sol. Porém, ele mesmo esteve às voltas com o judaísmo sionista de seu tempo, caracterizado por sua ferocidade orientada aos palestinos – associada a seu cumpadrio com a Europa, que tinha sido algoz. Ele ficou quase como aprisionado em seu sangue. O hitlerismo, no entanto, não acabou quando Auschwitz foi desmantelado.

O caráter forjado por séculos de perseguição se tornou a pedra de toque de uma desculpa pela violação de todos os direitos humanos, naturais, internacionais ou tradicionais. E assim é que o sionismo se tornou um suplemento (hitlerista) à história do judaísmo, um suplemento que muda seu passado e seu futuro. Sim, a história do judaísmo fica parecendo um preâmbulo ao massacre – e mesmo a história de uma sobrevivente de Auschwitz que cantava *arvolés yoran por luvyas* à minha volta quando eu começava a procurar entender o que queriam que eu fosse não pode ser ouvida da mesma maneira. Nem a voz dela, masacrada, ferida, atormentada. Mas é a voz dela que eu escuto. E nela há augúrios, lamentos, exortações em muitas direções. Se havia, sim, antes do sionismo presságios de um exército do povo escolhido atirando em famintos à busca de um pedaço de pão, os presságios são pesadelos com os quais podemos tomar cuidado, e não destinos que esperam a oportunidade de se cumprirem. Eu, Shajara, vejo o futuro que foi escolhido, que foi esculpido e se tornou esse passado brutal que o judaísmo agora tem que assumir como seu. Vejo os caminhos percorridos marcados por um implacável decalque racial da convivência por toda parte. Tento ver do alto de outra árvore.

Seria preciso adentrar no arquivo desse passado sem hitlerismo, à luz de uma *Schuldfrage*.[4] Algum dia os judeus do mundo levarão a cabo o trabalho de autorresponsabilização que a geração dos anos 1950 na Alemanha Ocidental terminou por deixar de lado? Há uma maneira de exorcizar a marca de uma atrocidade movida pelo hitlerismo sem esconder a história, ou seja, sem contar a história (que ficou impossível depois de Gaza)?

O hitlerismo teve o poder de proliferar entre os ímpetos de suas vítimas.

Entendo que o tempo carrega uma irreversibilidade, mesmo que ele mesmo não crie sequências senão as de algozes. E os nomes nunca são apenas seus significados arbitrários nem são seus significantes apenas o que há de arbitrário neles – meu nome embrenhou nas minhas entranhas e, ainda assim, carrega pedras com ele, e fantasmas. Com meu nome de árvore que se ramifica formando um novelo, escuto as músicas sefaradi e escuto as músicas da minha infância sionista. As melodias que me assombram falam da reconquista de Jerusalém, de um muro ao lado de uma cúpula dourada no centro de Al Kuds, cidade palestina, como sendo uma volta à casa depois do suplício. Minhas raízes estão reposicionadas, minhas raízes, emaranhadas nas dos refugiados de agora. Mas, o tempo sendo irreversível, meu passado se confunde com Hilan e com ele uma vertigem. Mas também foi Hilan que me levou até aqui, até este galho de onde vejo o abismo do meu passado e vejo a vertigem. Foi como Hilan que cheguei a Shajara. Trata-se de uma ruptura no meio de um prosseguimento; era preciso entortar o tronco, como uma árvore do Cerrado, tomar um outro rumo, preparado desde há muito tempo e que agora faz a curva e

[4] Ver Jaspers, *Die Schuldfrage*.

se entorta. E é por isso que a mulher da epígrafe falou: seja lua, pedra, árvore, chuva ao seu filho no seu funeral. Há um exílio que é preciso. Talvez seja esse o judaísmo que se separa do hitlerismo.

Entortando meu nome, começo a renomear aquilo que me cerca; eu que nasci no meio das árvores tortas no meio de um continente que foi feito Gaza, um continente com mais de quinhentos anos de massacres desprezados pelos relatos oficiais. Um continente cuja única história é a de uma limpeza étnica. Depois de Gaza, mas talvez já depois da catástrofe do encontro, do Pachakutí de Abya Yala, a história não é mais possível, a não ser como um relato interminável de fantasmas. A terra onde eu nasci é um espectro de Gaza, e em Gaza ela ressoa. É daqui que entorto minhas raízes. Esse cone sul, com o nome soterrado, é o que eu chamo de *Chungara*, o nome de Domitila Chungara, minera e militante, que pede a palavra no condicional.[5] Em uma carta a Franz Rosenzweig, Gershon Scholem escreve que o poder da linguagem se encapsula em nomes e, ao invocá-los, não podemos conter a força dos espectros que ficam nela.[6] Ele pensava que a linguagem ressuscitada pelos sionistas era a linguagem da violência de conquistas e massacres dos tempos bíblicos e trazia nela as marcas dessas violências narradas. Quando invocamos os nomes antigos dia após dia, não podemos conter suas forças; e logo em outubro de 2023 o poderoso sionista, investido com o hábito do Estado, fala da guerra a Gaza como a destruição dos Amalequitas. O abismo da língua, diz Scholem, vai ser deixado de herança para uma geração que não conhecerá outra língua, que terá seu pensamento selado em um destino que não terminamos de aprender. Há que se cuidar dos sons que pronunciamos e de como nos referimos ao que encontramos.[7] É isso que penso quando me renomeio a mim. O hebraico de Hilan é a língua de uma reconquista, o palestino de Shajara é a língua do país conquistado – e como no poema 'Possibilidades' de Wislawa Szymborska (que viveu no longo pós-guerra da Cracóvia), prefiro os países conquistados aos conquistadores. Uma língua não é apenas o que ela pode falar; é o que ela pode calar, o que ela pode insinuar, o que ela pode adiar e o que ela pode deixar em branco. É feita de silêncios. E os silêncios são propícios aos lamentos que não encontram palavras. Meu nome de árvore em língua palestina é um lamento. E um silêncio.

Abandonar um nome é por vezes uma urgência, uma urgência que se repara ao longe, ainda que de muito perto. Encontro no meu próprio nome duplo a insinuação de uma renomeação no curso da vida; ao primeiro nome Hilan me foi dado um outro, um segundo, um seguinte, 'Nissior', mistura do nome sefaradi de dois avós. O segundo nome, dizia a tradição também judaica que informou meu nome completo, é aquele que está esperando para substituir o primeiro quando quem porta o nome quase perder a vida. O nome em espera era um nome inventado, como se meu nome 'Hilan Nissior' contasse que haverá o dia em que o sionismo terá que ser substituído por um amálgama de antepassados. Nissior, o nome seguinte, inventado como toda palavra, como todo som, mas procurando evocar uma

[5] Chungara, *Si me dejan hablar*.

[6] Scholem, *On Our Language*.

[7] Há uma trama de ressonâncias nas palavras de uma língua, uma trama espectral que Scholem foi capaz de entender ao notar que trazendo os arquivos da violência bíblica para hoje, as crueldades seriam trazidas à tona e, ao mesmo tempo, teriam a capacidade de legitimar a força do estado balizado na ideia de uma história de ancestralidade territorial. Palavras carregam narrativas nem sempre fáceis de imunizar. Sobre como espectros são assemblagens de arquivos quase nunca controláveis mas que assombram e são conjurados ver Bensusan, *Memory Assemblages*.

fusão, uma junção. "Hilan", *aleph*, *iod*, *lamed*, *nun-sophit*, é ela mesma uma palavra aramaica, incorporada no hebraico a partir de passagens do livro de Daniel. As *ilanot, ashjār*, da Palestina são renomeadas a partir de uma profecia sobre um reino vindouro. É uma palavra aramaica, de uma língua irmã do árabe e do hebraico. É como se Hilan já começasse no meio do caminho, mas um meio do caminho enviesado por uma profecia e uma reconquista, talvez uma reconquista da profecia. Depois de 'Hilan', 'Nissior': minha filha Devrim então sugere – por que não mudar também 'Nissior' para 'Não-senhor'? Fico Não-senhor Shajara Néehilan...

Os ipês à minha volta estão a florir. Os de cor rosa, depois os brancos, depois os amarelos. 'Hilan', quando eu era criança, me parecia um nome de criança. E ser uma criança era uma estação. Onde quero chegar é em uma metamorfose. As raízes se movimentam. Ficam os vestígios de Hilan em Shajara; uma tradução é também uma dissonância. Mais que uma dissonância, uma disseminação, um revoar de sementes como as dos ipês. As estações se repetem – a das vítimas e a dos algozes – para trazer um diferente. Onde quero chegar é que, com as raízes se movimentando, o mundo das árvores é também aquele da infitração. Deixo meu nome traduzir meu primeiro nome. Traduzir é infiltrar; ou melhor se deixar infiltrar. Haverá um pós-sionismo não-hitlertista? A *Schuldfrage* que teria que se seguir ao genocídio de Gaza – e não importa tanto o quanto desse genocídio será por fim levado a cabo – seria ela também uma pergunta de um povo, de uma descendência, de uma estirpe, de uma raça, superior ou escolhida? Afinal não é o sangue alemão que faz a brutalidade, ele já a fazia na Namíbia porém ao lado do sangue francês, inglês e belga, todos na mesma ferocidade na África. Também não é o sangue judeu que assassina em Gaza – isso seria um diagnóstico também hitlerista do genocídio. Não pode ser sobre raças, nem sequer quando elas são superiores ou escolhidas – e toda história que atravessa gerações é uma história de estirpes, de entroncamentos, de descendências, uma história. E é impossível. A raça da vítima é o prelúdio da raça do algoz. Meu nome é sempre um nome situado; é um nome proliferado, multiplicado como os espectros que ressoam nele; e assim um nome traduzível (e intraduzível). E se tornou um nome sitiado. Traduzir à beira do intraduzível é um primeiro movimento de uma disseminação, de uma recusa à separabilidade, à determinidade – um prelúdio a uma recusa a ver o mundo como feito de átomos cada vez mais prontos que podem receber nomes de uma vez por todas e um prelúdio a uma recusa a ver o mundo como feito de átomos raciais.

Um nome, mudar de nome – mudar de nome próprio. Meu próprio nome chega ao que encontro na minha unicidade. Levinas, em um texto que precede uma coleção de outros acerca dos nomes próprios que o fizeram pensar, sugere que o nome das pessoas resiste à dissolução dos sentidos das palavras, e por isso nos ajuda a pensar. Ele entende esse pensar diante de um outro, um eu na efeméride de um outro; de um outro que não apenas emite um dito, mas diz. E é este eu próprio que é interrompido por outros próprios, por outros nomes, por outros dizeres. Trata-se de um despertar, ele escreve:

> éveil du Moi par Autrui, de moi par l'Étranger, de moi par l'apatride, c'est-à-dire par le prochain qui n'est que prochain. Éveil qui n'est ni réflexion sur soi, ni universalisation; éveil qui signifie une responsabilité pour autrui, pour autrui à nourrir et à vêtir, ma substitution à autrui, mon expiation pour la souffrance et, sans doute, pour la faute d'autrui. Expiation à moi impartie

> sans dérobade possible et par laquelle s'exacerbe irremplaçable, au lieu de s'aliéner, mon unicité de moi.[8]

O próprio deixa de ser próprio, mas atinge uma unicidade pelos outros, exteriores, que ele encontra. Shajara não deixa de ser Hilan – é árvore, mas não é apenas árvore. E, sendo árvore, é que se torna Shajara. Um nome próprio é próprio nem sempre sendo próprio: ele descreve mesmo que denotando – talvez até *se* descreva. No poema da epígrafe, Darwich também fala a um assassino: Se você tivesse contemplado o rosto da vítima e pensado através dela, você teria se lembrado de sua mãe na câmara de gás, e teria se livrado da razão para o rifle – e teria mudado de ideia: não é assim que se encontra a sua identidade.[9]

Homi Bhabha cita também Darwich que escreve: para devem voar os pássaros depois do último céu? Bhabha cita este verso na abertura de seu texto em torno do título, "DissemiNation" – uma nação que não é nação e nem é raça senão no sentido da raça de quem é racializado, uma reunião, uma junção, "[g]atherings of exiles and emigrés and refugees, gathering on the edge of 'foreign' cultures", ele escreve. São "gathering at the frontiers; gatherings in the ghettos or cafes of city centres; gathering in the half-life, half-light of foreign tongues, or in the uncanny fluency of another's language", ele prossegue.[10] A ideia de uma *dissemiNation* alude à insistência de Jacques Derrida em desconstruir o unívoco – o sentido atômico supostamente plenamente presente – não por meio do polissêmico, mas do sentido que se multiplica, que floresce a partir de uma semente que já nasce dupla, do sentido que se abre no espaçamento de um texto de qualquer tipo, feito de intervalos entre as palavras, entre as frases, entre as letras, marcas e margens que invocam o que em algum momento de sua leitura sempre futura o rodeia; a semente já nasce em proliferação, em disseminação.[11] Fred Moten, em um recente encontro sobre antissionismo entende que o colonialismo impinge um atomismo de nações ao mesmo tempo que o torna impossível; em uma apresentação chamada "Violence and physics (notes on genocide IV)",[12] Moten explora a impossibilidade de um movimento de liberação nacional com base na separabilidade de uma nação. A insistência em sobreviver dos palestinos, como a de judeus na Europa em meio à brutalidade racial branca, uma insistência que é feita de resistência a um projeto de nação – e de raça, de sangue, de solo – moldado na experiência de colonização – é outra coisa. Sobrevivência não é, enfatiza Moten, o mesmo que a afirmação de uma nação individual, separável, destacável. A resistência não é racial, é anti-racial, é contra-racial, e de muitas maneiras contra-colonial. Moten destaca que a

[8] Levinas, *Noms Propres*, p. 13. Uma tradução: "despertar do Eu através do Outro, de mim mesmo através do estrangeiro, de mim mesmo através de um apátrida – isto é, através do próximo que é apenas próximo. Um despertar que não é autorreflexão nem universalização; um despertar que significa uma responsabilidade para com o outro, para alimentar e vestir o outro, minha substituição pelo outro, minha expiação pelo sofrimento e, sem dúvida, pela erro do outro. Uma expiação que me é atribuída sem qualquer possibilidade de escape, e através da qual fica exacerbada, e não alienada, a minha singularidade insubstituível."

[9] Este poema de Mahmoud Darwish foi traduzido para o inglês por Marjolijn de Jager com o nome de *Under Siege*. Ver Darwish, *Under Siege*.

[10] Bhabha, *The Location of Culture*, p. 176. Uma tradução: "Reuniões de exilados, emigrados e refugiados, reunindo-se na beira de culturas 'estrangeiras'", "reuniões nas fronteiras; reuniões nos guetos ou nos cafés dos centros das cidades; reuniões na meia-vida, na meia-luz de línguas estrangeiras, ou na estranha fluência da língua do outro."

[11] Ver Derrida, *Geschlecht III: Sexe, race, nation, humanité* e Derrida, *La dissémination*.

[12] *The Anti-Zionist Idea: History, Theory, and Politics* teve lugar na Universidade de Toronto em novembro de 2024. Dele participaram, além de Moten, Nasser Abourahme, Daniel Boyarin, Samera Esmeir, Darryl Li, Heidi Matthews e Liron Mor.

resistência é sentida não a partir de um conflito racial, mas de um desconforto com a racialidade ela mesma. Ao invés de um atomismo racial, uma espécie de *dissemiNation*, um encontro de exilados, como minhas raízes, eu dizia, encontram as da resistência de Jabalya, de Granada, de Uagadugu, de Laghouat. Penso, no espaço que se abre em uma tradução, nessa nação de disseminações, quero pensar como se minhas raízes não fossem minhas nem nossas – a partir de um entrelaçamento.

A unicidade de uma história é mesmo impossível – ela talvez tenha nela muitos espinhos hitleristas. Aimé Césaire, em seu discurso sobre o colonialismo, invoca essa continuidade *avant-la-lettre* que Levinas diagnostica: o hitlerismo, a luta do sangue pelo solo, foi prefigurado na experiência da colonização, no Congo, nas Ilhas Canárias, na Austrália. A história é uma defesa ou uma incriminação.[13] Maurice Blanchot, em *La folie du jour*, trata dos olhos do narrador, imersos em vidro, e das autoridades médicas e policiais que querem uma narração, que requerem uma história acerca dos fragmentos de vidro nos olhos.[14] O narrador não tem uma história para contar. É como se a visibilidade que o vidro permite, imerso nos olhos do narrador, fizesse com que ele visse em excesso, visse mais do que uma história permite. Há um excesso de visibilidade em Gaza que torna impossível a história: a história de uma nação ou de uma raça se mostra como criminosa. Quem narra, narra histórias que não formam uma unidade completa, que não exorcizam o caráter fragmentário. Na ideia de *dissemiNation* (digamos, *dissemiNação*) há uma recusa tanto à posteridade indefinida de uma nação quanto a uma origem determinável de uma identidade. A manutenção de uma posteridade estável para a nação promove as ações de autodefesa do Estado. Samera Eismer descreve um antissionismo que tem como alvo o Estado mesmo como o de Israel: o estado que se perpetua em nome de uma nação.[15] É esse o propósito das instituições nacionais que o sionismo procura manter vivas a qualquer preço; nenhum desses procedimentos de manutenção da coesão (língua, história, cidadania, monopólio da violência pelas forças armadas, equipamentos públicos) se encontra nos territórios ocupados.[16] Aparte do esforço violento de manter uma estabilidade na nação, não há uma *arkhé* – um fundamento ou um comando mas não uma raiz – a partir da qual se conta uma história; desprovido de átomos raciais, não há por onde desencadear a narração e os relatos se tornam testemunhos de uma violência sem alpha nem ômega – um testemunho de Gaza, da Nakhba que se segue desde antes de 1948. Uma *arkhé* é o que faz com que se fale do direito de defesa dos estados, de ameaças existenciais a eles e às suas nações. Uma *arkhé* é anátema da transformação, da infiltração, da disseminação, da multidão. De fora de uma posição hitlerista, decerto, não há senão símbolos nacionais que se combatem. Seja uma árvore: não pare de entrelaçar raízes porque a linha da fronteira foi cruzada.

Não se para mesmo quando a linha da fronteira é cruzada; são do trajeto da raiz minhas nações, minhas dissemi*nações*. Em vez de qualquer internacionalismo, um disseminacionalismo... Daniel Boyarin, em seu *No State Solution*, propõe que o

[13] Césaire, *Discours sur le colonialisme*.
[14] Blanchot, *La folie du jour*.
[15] Em sua apresentação em *The Anti-Zionist Idea: History, Theory, and Politics*, entitulada "*Anti-Zionism as Struggle*".
[16] Eismer ela mesma explora os limites do internacional, articulado em torno da ideia de nações, em seu livro em preparação *The Struggle that Remains: Between the World and the International*.

povo judeu se assuma como uma povo diaspórico; o exílio mesmo deveria ser sua casa. Haveria uma casa, ele insiste, e logo no começo escreve que seus dois

> most ardent political commitments—to full justice for Palestinians and to a vibrant, creative Jewish national culture—seem directly to contradict each other. It would seem as if the only way to fulfill the latter dream is to support the existence of the State of Israel, but clearly, the existence of the State of Israel makes the first dream impossible to fulfill. [...] The nation-state is well on the way to being a racist, fascist state. Given the choice between justice and "my culture," "my nation," I have no choice but to choose justice, but the loss would be unsupportable.[17]

Boyarin aposta em uma *nação* sem Estado – e não apenas na abolição do Estado, na intensificação da diáspora, na proliferação do exílio, na dissemi*nação*. Para ele, já um judaísmo que sobra na forma de uma espécie de nacionalidade, de distinção, de herança a ser preservada no sentido de conservada, de mantida entre os seus; em suma, de um judaísmo que sobra enquanto *Geschlecht*.[18] Boyarin assume essa posição como consequência de um antissionismo que é moldado a partir de um arrependimento – de uma *Schuldfrage*, alguém poderia dizer; "[w]hen I heard Yitzhaq Rabin say that the breaking of the arms and legs of children throwing stones was necessary to preserve the state", ele escreve, "I repented of my erstwhile Zionism completely".[19] A questão da *Schuldfrage* é que ela não para em parte alguma que não seja arbitrária, ela não chega a termo, a culpa é um caminho sem volta, é uma viagem abraâmica, e não uma viagem como a de Odisseu, com um ponto de chegada que é o ponto de partida. A *Schuldfrage* alemã terminou no Estado da *Bundesrepublik* e depois no Estado alemão unificado. Mas a força que conduz a *Schuld* não tem razões para parar em uma nação diaspórica. É essa força centrípeta que conduz à dissemi*nação*, que conduz a uma dissolução, a uma figura da inseparabilidade que é o entrelaçamento de raízes, o imbricamento. Disseminacionalismos...

Há um sentido, para mim, de que tudo muda com Gaza. Ainda que a Nakhba tenha bem mais de 75 anos, quase ininterrupta, foi o genocídio explícito, planejado e declarado que me faz mudar de nome. Depois de Gaza, não há mais história, já que fica claro que o projeto ocidental, guiado pela máxima *exterminem todos os*

[17] Boyarin, *No State Solution*, p. viii. Uma tradução: "compromissos políticos mais ardentes — com a plena justiça para os palestinos e com uma vibrante, criativa cultura nacional judaica — parecem se contradizer diretamente. Parece como se a única maneira de realizar este último sonho fosse apoiar a existência do Estado de Israel, mas, claramente, a existência do Estado de Israel torna impossível a realização do primeiro sonho. [...] O Estado-nação está a caminho de se tornar um estado racista, fascista. Diante da escolha entre a justiça e 'minha cultura', 'minha nação', não tenho outra escolha senão optar pela justiça, mas a perda seria insuportável."

[18] O termo 'Geschlecht' é traduzido como 'etnia', 'raça', 'espécie', 'entroncamento', 'descendência', 'geração', 'gênero', 'sexo', e assim pode ser importante para entender o que está em jogo no cruzamento entre povos, raças e descendências – e assim para pensar nas produções demográficas, nas batalhas populacionais. Derrida tematiza essa palavra em seus quatro textos entitulados "Geschlecht": "Geschlecht: Différence sexuelle, différence ontologique", "La main de Heidegger (Geschlecht 2)", *Geschlecht III. Sexe, race, nation, humanité*, "L'oreille de Heidegger, Geschlecht 4". Para a discussão de Gechlecht em relação com espectros e com a diferença sexual ver Bensusan, *Spectrophilia*.

[19] Boyarin, *No State Solution*, p. ix. Uma tradução: "Quando ouvi Yitzhaq Rabin dizer que quebrar os braços e as pernas de crianças que atiravam pedras era necessário para preservar o Estado", "arrependi-me completamente do meu antigo sionismo."

malditos,[20] segue sendo uma diretiva para que uma nação entre no seleto clube racial dos donos. Pensar em um antissionismo disseminacional é estar às voltas com outra coisa que não é a história, nem a histeria nacional e, nem a história das emancipações que se apresentam como personagens capazes de instalar soberania de uma vez por todas. O disseminacional poderia ser entendido assim: ou o judaísmo se transforma ele mesmo em uma *Schuldfrage*, na própria *Schuldfrage* – e aqui, Levinas mesmo, apesar de suas opiniões condescendentes acerca dos crimes da Nakhba,[21] pode mais uma vez abrir um caminho quando ele mantém que

> La non-étrangeté par-excellence – c'est l'ipséité. Le Messie est le Roi qui ne commande plus du dehors – cette idée de Jérémie est menée par Rav Nachman jusqu'à son aboutissement logique. Le Messie, c'est Moi, Être Moi, c'est être Messie. [...] On vient de voir que le Messie c'est le juste qui souffre, qu'l a pris sur lui la souffrance des autres. Qui prend en fin de compte sur soi la souffrance des autres, sinon l'être qui dit «Moi». [...] Le fait de ne pas se dérober à la charge qu'impose la souffrance des autres définit l'ipséité même. Toutes les personnes sont Messie.[22]

Uma nação de messias? Ou antes, eu diria, uma disseminação de messias, uma disseminação do trabalho de luto. Um luto que não seja como o de Auschwitz quando ele termina no sionismo, na Nakhba e em Gaza. No sentido do messias de Levinas, o sionismo é precisamente o reverso do messias, é a negação de toda espera em favor de um presente cada vez mais intenso e menos ocupado com o que vem. Ou seja, uma disputa para assegurar um lugar ao sol. E, como se isso não fosse já criminoso, como disse uma vez Blaise Pascal, citado como uma epígrafe por Levinas,[23] em uma terra dita santa, banhada em sangue. Se a Schuldfrage alemã de Jaspers concebia alguma espécie de purificação, a Schuldfrage judaica não tem fim, não pode ter fim, não tem história, já que a história acabou com as crianças assassinadas de Gaza. Ainda assim, se o hitlerismo impregnou suas vítimas, talvez sua herança interrompida mais interessante, o luto, possa também ter alguma

[20] Frase (ou slogan) tematizada por Sven Lindqvist em seu livro homônimo (Lindqvist, *Exterminem todos os malditos*). Lindqvist procura mostrar a continuidade do projeto de extermínio dos povos postos em subalternidade no projeto colonial; a colonização aparece como uma escola de genocídios.

[21] Ver *L'Au-Dela du Verset*, pp. 209-34. Ver também Caro, *Levinas and the Palestinians*. Caro escreve: "Levinas [...] draws upon an exteriority that is not simply the passive disturbance or 'ipseity' of a selfsame identity in the encounter with the Other. Specifically, the problem is the licence that Levinas gives himself in terms of what he calls 'justice'. Justice is the necessary thought of sorting out the ethical engagement not only with a single Other but with many others. Hence 'the question of justice' marks the transition from the ethical to the 'political' circumstance. However Levinas' mature conception of justice is so underdetermined that it has few rules to guide its exercise" (p. 672). Uma tradução: "Levinas [...] recorre a uma exterioridade que não é simplesmente a perturbação passiva ou a 'ipseidade' de uma identidade idêntica a si mesma no encontro com o Outro. Especificamente, o problema é a licença que Levinas se concede em termos do que ele chama de 'justiça'. Justiça é o pensamento necessário de ordenar o engajamento ético não apenas com um único Outro, mas com muitos outros. Assim, 'a questão da justiça' marca a transição do ético para a circunstância 'política'. No entanto, a concepção madura de justiça em Levinas é tão subdeterminada que possui poucas regras para orientar o seu exercício."

[22] Levinas, *Textes messianiques*, p. 129. Uma tradução: "A não-estranheza por excelência – é a ipseidade. O Messias é o Rei que já não comanda de fora – esta ideia de Jeremias é levada por Rav Nachman até seu desfecho lógico. O Messias, sou Eu; ser Eu é ser Messias. [...] Acabamos de ver que o Messias é o justo que sofre, que tomou sobre si o sofrimento dos outros. Quem, afinal, toma sobre si o sofrimento dos outros senão o ser que diz «Eu»? [...] O fato de não se furtar à carga que a dor dos outros impõe define a própria ipseidade. Todas as pessoas são Messias."

[23] Levinas, *Autrément qu'être ou au-delà de l'essence*.

ressonância. Não poderia, me parece, haver outro judaísmo futuro senão o da contínua Schuldfrage.

Eu me distancio da nação judaica, sionista, nacional, através da ideia de que a Schuldfrage não tem término. Essa distância é tomada aos tropeções. E a mudança de nome que faço é trôpega. Jamais, eu pressinto, vou me assentar no meu novo nome. Não vou poder mais exorcizar a dissonância entre como me chamam e como eu atendo o chamado – mas é nessa dissonância mesma que me movo, me enraizo, nela me habituei. Dar nomes às coisas, torná-las alguma coisa definida, estabelecida e separada, distinta – é esse o gesto que talvez abra caminho para um mundo de partes dissecáveis. No meu nome, em nenhum deles, não mora ninguém. Me enraízo, sigo árvore. Mesmo que meu nome se perca na multidão. Mas continuam as práticas de chamar – há muitas formas de chamar, mas a autoridade ainda me chama 'hilan'– ou de atender ou de responder ou assinar; eu assino Shajara.

Referências

BENSUSAN, Hilan. *Memory assemblages*: spectral realism and the logic of addition. Londres: Bloomsbury, 2024.

BENSUSAN, Shajara. *Spectrophilia*. Florianópolis: Cultura & Barbárie, 2025.

BHABHA, Homi. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.

BOYARIN, Daniel. *No state solution*: a Jewish manifesto. New Haven: Yale University Press, 2023.

BLANCHOT, Maurice. *La folie du jour*. Saint-Clément-de-Rivière: Fata Morgana, 1973.

CARO, Jason. Levinas and the Palestinians. *Philosophy & Social Criticism*, v. 35, n. 6, pp. 671-684, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1177/0191453709104452. Acesso em: 19 nov. 2025.

CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme*. Paris: Présence Africaine, 2004.

CHUNGARA, Domitila. *Si me permiten hablar... Testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia*. Organizado por Moema Viezzer e Eugenia Huerta. México: Siglo XXI, 1977.

COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas*: uma metafísica da mistura. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura & Barbárie, 2018.

DARWISH, Mahmoud. *Under siege*. Trad. Marjolijn de Jager. Palestine Advocacy Project, s.d. Disponível em: https://www.palestineadvocacyproject.org/poetry-campaign/under-siege/. Acesso em: 19 nov. 2025.

DERRIDA, Jacques. *La dissémination*. Paris: Seuil, 1972.

DERRIDA, Jacques. Geschlecht: différence sexuelle, différence ontologique. *In*: DERRIDA, Jacques. *Psyché: inventions de l'autre*. Paris: Galilée, 1987. pp. 395-414.

DERRIDA, Jacques. La main de Heidegger (Geschlecht 2). *In*: DERRIDA, Jacques. *Psyché*: inventions de l'autre. Paris: Galilée, 1987. pp. 415-452.

DERRIDA, Jacques. *Geschlecht III*: sexe, race, nation, humanité. Paris: Seuil, 2018.

DERRIDA, Jacques. L'oreille de Heidegger (Geschlecht 4). *In*: DERRIDA, Jacques. *Politiques de l'amitié*, suivi de *L'oreille de Heidegger*. Paris: Galilée, 1994. pp. 343-418.

EISMER, Samera. *The struggle that remains*: between the world and the international. No prelo.

JABR, Samah. *Sumud em tempos de genocídio*. Trad. Rima Zahra. São Paulo: Tabla, 2024.

JASPERS, Karl. *Die Schuldfrage*: ein Beitrag zur deutschen Frage. Heidelberg: Lambert Schneider, 1946.

LEVINAS, Emmanuel. *Autrément qu'être ou au-delà de l'essence*. The Hague: La Haye; M. Nijhoff, 1974.

LEVINAS, Emmanuel. *L'au-delà du verset*. Paris: Éditions de Minuit, 1982.

LEVINAS, Emmanuel. *Noms propres*. Paris: Fata Morgana, 1976.

LEVINAS, Emmanuel. *Quelques réflexions sur la philosophie de l'hitlérisme*. Paris: Payot & Rivages, 1997.

LEVINAS, Emmanuel. Textes messianiques. *In*: LEVINAS, Emmanuel. *Difficile liberté*. Paris: Albin Michel, 1976.

LINDQVIST, Sven. *Exterminem todos os malditos*. Trad. Guilherme Braga. São Paulo: Fósforo, 2023.

SCHOLEM, Gershom. On our language: a confession. *History and Memory*, v. 2, n. 2, pp. 97-99, 1990.